

Trajетórias laborais: contribuições para estudos no campo da psicologia social do trabalho¹

Laila Priscila Graf Ornellas²

Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, SC, Brasil)

Geruza Tavares D'Avila³

Universidade Federal do Rio Grande (Rio Grande, RS, Brasil)

Maria Chalfin Coutinho⁴

Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, SC, Brasil)

Neste artigo problematizamos a categoria trajetórias laborais a partir de duas teses de doutorado em psicologia social do trabalho. Os objetivos das teses foram, de forma sintética, investigar as trajetórias laborais, no primeiro estudo, junto a brasileiros/as retornados/as da Europa ocidental e, no segundo, junto a jovens profissionais diplomados em uma universidade pública brasileira. Ao pensarmos as duas investigações, apontamos aproximações e peculiaridades entre si. Partindo dessas sínteses, buscamos evidenciar a centralidade, os determinantes sociais e históricos e o processo de contínua construção e indeterminação das trajetórias laborais. Assim, consideramos o uso dessa ferramenta teórico-metodológica como profícua para os estudos no campo da psicologia social do trabalho.

Palavras-chave: Psicologia social, Trabalho, Trajetórias laborais, Pesquisa qualitativa.

Labor trajectories: its contributions to social psychology of work studies

This study problematizes labor trajectories category based on two doctoral theses in the social psychology of work. These theses aimed to synthetically investigate labor trajectories. The first one analyzed Brazilian migrants' returnees from Western Europe and the second one, young professionals graduated from a Brazilian public university. Analyzing both investigations, we highlight their common aspects and their differences. Based on these syntheses, we have thus problematized the category of labor trajectories: 1) its centrality; 2) its social and historical determinants; and 3) its process of continuous construction and indeterminacy. Thus, we understand that using this theoretical and methodological tool may profit social psychology of work studies.

Keywords: Social psychology, Work, Labor trajectories, Qualitative research.

1 Um resumo desse texto foi encaminhado e aprovado na mesa de trabalho "Subjetividad, experiencias e identidades laborales en América Latina: Aportes de la Psicología Social del Trabajo y otras disciplinas", no IX Congreso de Asociación Latinoamericana de Estudios del Trabajo (Alast), em 2019.

2 <https://orcid.org/0000-0003-1254-1544>

3 <https://orcid.org/0000-0002-2034-026X>

4 <https://orcid.org/0000-0003-2078-7106>

Introdução

Neste artigo objetivamos problematizar a categoria trajetórias laborais a partir da análise de duas teses de doutorado no campo da psicologia social do trabalho (PST)⁵. Nossa proposta vai na direção apontada por Coutinho e Oliveira (2017), quando, ao discutirem três categorias teóricas – as práticas cotidianas, os processos de significação e as identidades, usadas como ferramentas para compreender sujeitos concretos em suas vidas cotidianas, e destacam a existência de outras ferramentas possíveis para apreender os fenômenos subjetivos no contexto do trabalho. Assim, apresentamos uma breve contextualização sobre os fundamentos que guiaram os nossos estudos e, posteriormente, indicamos como foram realizadas as duas pesquisas. O suporte teórico analítico das teses foi a compreensão de que as trajetórias laborais podem ser consideradas como uma síntese das relações indivíduo-sociedade em determinado momento da existência dos/as trabalhadores/as que participaram dos estudos. Em relação ao aporte metodológico, em ambas as teses utilizamos entrevistas associadas a instrumentos de análise chamados trajetórias socioprofissionais (TSP) e/ou a técnica das trajetórias sociais (TTS), a serem caracterizados ao longo do artigo.

Cabe destacar que as teses em questão se situam no contexto do trabalho contemporâneo e, por meio das análises de aproximações feitas no contexto pandêmico, evidenciamos quão fecunda pode ser a ferramenta teórico-metodológica que chamamos como trajetórias laborais⁶. Além disso, compreendemos o trabalho na contemporaneidade, assim como faz Antunes (2018), por meio de “fotografias do trabalho precário global”, cujas características principais configuram-se por um recuo quanto aos direitos do trabalho e, ao mesmo tempo, uma ampliação do número de homens e mulheres que dependem da venda da sua força de trabalho, especialmente na área de serviços. Dessa forma, queremos marcar o quanto se intensificaram os processos de precarização e exploração do trabalho no início do século XXI, em especial, nos países da periferia do capitalismo.

Além de considerar essa “fotografia” do trabalho (Antunes, 2018) e a noção ampliada de classe trabalhadora (Antunes, 2011; Antunes & Alves, 2004), é importante localizar como essa discussão se faz presente na área da psicologia, em especial, no campo social do trabalho. A constituição da PST, como explicam Sato et al. (2017), “não aconteceu como decorrência de um projeto definido a priori, e ela emerge de um cruzamento de múltiplas forças, em um contexto de redemocratização no país e de busca por leituras da psicologia social voltadas” (p. 11) para as questões da sociedade brasileira.

Assim, a perspectiva teórica em PST implica um horizonte metodológico capaz de subsidiar o diálogo entre pesquisadores/as e trabalhadores/as numa tentativa de produção de conhecimento que transforme a sociedade em que vivemos, especialmente, em seus aspectos mais desiguais, excludentes, violentos e adoecedores. Nesse sentido, Sato (2010) indica que a “perspectiva da Psicologia Social convida-nos a olhar o trabalho e os processos organizativos a partir do ponto de vista dos trabalhadores, mostrando situações difíceis de serem vividas, estratégias e táticas criadas e utilizadas para com elas lidar” (p. 44).

Dessa forma, compreendemos as trajetórias laborais a partir dos processos de socialização e das suas relações com o trabalho, ou, em outras palavras, as trajetórias laborais são construídas a partir dos processos biográficos e, ao mesmo tempo, dos processos relacionais, tal como nos ensina Dubar (2005). Embora Coutinho e Oliveira (2017) não problematizem especificamente o mesmo foco deste texto, esses autores apontam “o quanto as peculiaridades das trajetórias laborais dialogam

5 As teses foram realizadas pelas primeiras autoras e orientadas pela terceira autora.

6 Essas análises também vão ao encontro do trabalho desenvolvido por D’Avila e Melo (2022). Também marcamos a nossa participação como coordenadoras do grupo de trabalho (GT) no XXI Encontro da Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso), conforme D’Avila et al. (2021) em que propusemos discutir as trajetórias laborais em meio às crises contemporâneas.

com os processos de constituição subjetiva” (p. 99). Deste modo, essa categoria já aparece em alguns estudos no campo da PST, como nas teses aqui analisadas.

Logo, de forma a aprofundar essa discussão, apresentaremos as bases teóricas que usamos para fundamentar as trajetórias laborais e, em seguida, descreveremos os caminhos das duas investigações, tanto em suas aproximações como em suas peculiaridades. Após situarmos nossos estudos teórica e metodologicamente, buscamos sintetizar algumas potencialidades da categoria em destaque ao longo do artigo para os estudos no campo da PST.

Trajetórias Laborais

Existem diversos modos de estudar as trajetórias (Barros, 2010; Dubar, 1998; Gaulejac, 1987; Silva, 2010). Com tantas possibilidades, há também uma diversidade de entendimentos sobre o significado das trajetórias.

Como já dissemos em D’Avila e Coutinho (2017) e Ornellas (2015), ao situar o termo trajetórias profissionais em diferentes áreas do conhecimento – principalmente para a sociologia em função das análises do fenômeno do desemprego a partir das décadas de 1960-1970 –, Cogo (2011) indica diferentes formas de conceber a investigação das trajetórias, itinerários ou percursos, sejam estes profissionais ocupacionais ou sociais. Destacamos, também, que há em cada forma de conceber distintos fundamentos teóricos. De todo modo, este autor indica uma conceituação de trajetória como: “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou mesmo grupo, em um espaço, ele próprio em devir, submetido a transformações incessantes, que permitem deslocamentos do sujeito, situando os acontecimentos biográficos em diferentes alocações do espaço social” (Cogo, 2011, p. 469).

Diante dessa noção apontada por Cogo (2011) e diversas outras leituras, adotamos a expressão “trajetórias laborais”, pois consideramos que tal denominação engloba as profissões, as ocupações e mesmo os trabalhos para além de sua forma como emprego, tal como problematiza Sato (2013), quando se refere ao “trabalho não regulado”. Encontramos distinções entre ofício, ocupação, profissões, entre outros termos e, aqui, cabe mencionar o estudo feito por Dubar (1999) sobre a diferenciação entre “profissões” e “ocupações”.

Segundo o teórico acima citado, tradicionalmente há um entendimento sobre as “profissões” como atribuída a uma qualificação, indicando grupos distintos de outros e que ocupam espaços de trabalho segmentados. Assim, cada grupo teria mais controle de suas atividades, as quais seriam regidas por normas, e possuiria reconhecimento do Estado, tais como a medicina, as engenharias, a advocacia, a contabilidade e a psicologia. Já as “ocupações” não teriam o mesmo status ou tipo de organização, porque nelas se situam os trabalhadores assalariados comuns, como os operários e empregados⁷. No entanto, essas diferenças vão se tornando cada vez mais complexas quando as estudamos em detalhe, como as discussões sobre as “semiprofissões”, constituídas por atividades que não se enquadram nem em profissões e nem em ocupações, como as carreiras de policiais, servidores públicos etc. Outro aspecto é relativo às dificuldades de inserção profissional de jovens graduados, os quais, muitas vezes, principalmente em suas primeiras experiências profissionais, necessitam exercer outros tipos de atividades não relacionadas à área de formação. Com isso, entende Dubar (2005) que o critério da divisão entre ocupação e profissão necessita transitar de uma rigidez para uma flexibilidade, do mesmo modo como ocorre nos trabalhos de Franzó (2006) e como apresentamos nas teses em análise (D’Avila, 2014; Ornellas, 2015).

7 Ver mais detalhes dessa diferenciação em Ornellas (2015).

Diante disso, aprofundamos com Dubar (2005) a noção de trajetórias e, ao longo do texto, ela é relacionada com a dimensão do trabalho/labor. Esse é um autor que entende as trajetórias sociais por meio das instâncias subjetiva/objetiva e relacional/biográfica, como veremos a seguir. Este sociólogo francês considera que as trajetórias sociais possuem duas leituras complementares. A primeira seria feita a partir do enfoque objetivo, no qual são analisados os aspectos relacionados à nomeação das características da pessoa, ou seja, aquelas nomeadas por outrem; tais como o sexo, escolaridade, idade, gênero, raça, etnia, função, emprego etc. Para o autor, esses elementos possuem características de classificação e poderiam ser levantados e analisados como dados objetivos relativos às posições ocupadas pelas pessoas ao longo de suas vidas e comparados com as trajetórias de outros sujeitos.

Por outro lado, existem as trajetórias subjetivas, as quais abarcam as narrativas do sujeito sobre a sua história e seus percursos de vida, além de seus entendimentos. Seria a narrativa livre do sujeito sobre sua vida. Desse modo, as trajetórias sociais seriam um modo de identificar os percursos dos sujeitos com análises tanto das dimensões “objetivas” quanto das “subjetivas”, e a identidade social do sujeito seria constituída por processos sociais e biográficos (Dubar, 1998). Perante isso, as trajetórias sociais são um modo de investigar os aspectos identitários das pessoas.

Cabe assinalar a concepção de “identidade” de Dubar (1998, 2005, 2009). O teórico efetuou diversos estudos para compreender as inter-relações entre a dimensão psíquica e a dimensão social. Ao analisar teorias oriundas tanto da psicologia como da sociologia, observou dificuldades nas propostas teóricas em estabelecer relações entre os processos sociais e os processos subjetivos. Segundo o autor, certas teorias davam mais ênfase a aspectos individuais (essencialistas), compreendendo o ser humano como atrelado a traços de caráter ou fatores determinantes ocorridos na primeira infância, e outras davam ênfase aos aspectos mais estruturais (relativistas), entendendo a identidade como uma ilusão, pois seria determinada por elementos presentes na estrutura social ou nos grupos sociais (Dubar, 2005).

Diante desses estudos, o teórico procurou superar essa polarização ao adotar uma perspectiva relacional, por meio da qual articula elementos “objetivos” e “subjetivos” e, assim, incorpora ambas as dimensões para entender a constituição do sujeito (Coutinho, 2009). Dubar (1998) buscou em estudos sociológicos argumentos para compreender o ser humano a partir de seus próprios lugares sociais, porém incluindo a subjetividade. Ele emprega uma perspectiva nominalista, a qual também chama de existencialista, por entender os seres humanos como existências contingentes, uma vez que considera a existência humana circunstancial, por não haver pertencimentos essenciais e diferenças significativas e permanentes anteriores. Para o autor, “O que existem são modos de identificação, variáveis no decorrer da história coletiva e da vida pessoal, destinações a categorias diversas que dependem do contexto” (Dubar, 2009, p. 14).

Para Dubar (2009), o estudo das formas identitárias ajuda a compreender as trajetórias de trabalho na contemporaneidade. Conforme ele adverte, ao usar o conceito de formas identitárias, deve-se ao menos explicar o porquê de não se utilizar apenas o termo “identidade”. Em seu livro *Crise das identidades* o autor justifica que há uma crise, no seu sentido mais geral, atuando no conceito de identidade e, a partir da análise da sociedade francesa, sua hipótese é

. . . a de uma mutação ao longo dos últimos trinta anos da configuração das formas identitárias, no campo da família e das relações entre os sexos . . . , do religioso e do político e das relações com as instituições Mais precisamente, a configuração das formas identitárias, construída no período precedente, perdeu sua legitimidade. É nesse sentido que se pode falar de uma crise das identidades, no sentido de desestabilização do arranjo anterior das formas identitárias (Dubar, 2009, p. 23).

Desse modo, as formas identitárias ajudam a perceber o caráter singular, mas também social das trajetórias, as quais são engendradas sob duas maneiras de identificação: “as identificações atribuídas

pelos outros ('identidade para outrem') e as identificações reivindicadas por si mesmo ('identidades para si')" (Dubar, 2009, p. 14). Ainda conforme o autor, "estabelecer relações entre esquemas discursivos de relatos biográficos e processos estruturais de determinação social continua sendo um exercício essencialmente virtual" (Dubar, 1998). Demazière e Dubar (2006), ao problematizarem o desemprego na França, destacam uma das dimensões a serem investigadas em suas pesquisas: a dimensão biográfica. Esta pode ser definida pela temporalidade "dos modos de contar seu próprio percurso profissional, de ligar a narração do seu passado às suas antecipações de futuro" (p. 171).

Na área da educação, a investigação de Franzói (2006) sobre as TSP de trabalhadores/as que estavam conciliando educação e trabalho, também ancorada em Claude Dubar, nos auxilia a complexificar o estudo da categoria destacada neste artigo. Franzói (2006), no contexto de uma política pública no estado do Rio Grande do Sul, considerou as trajetórias dos seus entrevistados como mais contínuas ou mais fragmentadas e, em última instância, essas trajetórias remetiam ao possuir uma profissão no presente ou no futuro.

Em reflexão anterior sobre trajetórias ocupacionais, Coutinho (2009) destacava a dimensão temporal (passado, presente e futuro) e já apontava suas potencialidades enquanto uma proposta qualitativa de investigação. Na mesma direção, retomamos a dimensão temporal das trajetórias e compreendemos sua complexificação no cenário contemporâneo tendo em vista a velocidade dos deslocamentos temporais e territoriais na atualidade. Assim, a análise das trajetórias laborais nos possibilitará compreender os movimentos dos/as trabalhadores/as, considerando seus modos de inserção, trânsitos e projetos nos contextos de trabalho nos quais se situam. Como antecipado na introdução, Coutinho e Oliveira (2017) sinalizam algumas ferramentas teórico-metodológicas em PST em que o "diálogo com as teorias críticas em estudos sobre os processos de significação no trabalho brasileiro" (p. 90) já se fazem presentes.

O estudo de Diogo e Coutinho (2011), por exemplo, narra a análise de uma TSP, em que colocam o "desafio de tornar-se sujeito da própria história". Pautadas no método dialético, as autoras se utilizam da noção de movimentos, nesse caso, de inserção, em que se busca o alinhamento entre a narrativa do sujeito e suas condições materiais vivenciadas. Nessa investigação, as análises das autoras estão fundamentadas na psicossociologia, em que destacam as contribuições de Gaulejac (1987).

De acordo com Soares e Sestren (2007), a análise das trajetórias sociais foi proposta originalmente na França por Gaulejac (1987). Este autor nos apresenta uma síntese das TSP e um esquema para refletir sobre elas: a TTS. Conforme Gaulejac (1987) "uma trajetória é analisada simultaneamente na diacronia e na sincronia. Cada posição é a resultante de um trajeto anterior e do contexto pessoal, familiar e social que oferece as oportunidades e determina as transformações necessárias ou possíveis"⁸ (p. 283). No Brasil, outras autoras, como Diogo e Coutinho (2011) e Soares e Sestren (2007), já fizeram uso dessas ferramentas ou de adaptações em situação de pesquisa, por exemplo, o esquema das TSP. De todo modo, ainda que os/as autores/as até aqui mencionados/as problematizem a linearidade das trajetórias ocupacionais, trata-se de uma noção que remete a posições sociais no campo educacional e/ou do trabalho e, nesse sentido, os movimentos salientam a dinâmica e as múltiplas determinações das trajetórias laborais. Assim, apresentamos, a seguir, como investigamos as trajetórias laborais nos dois estudos em análise.

O caminho das investigações: aproximações e peculiaridades

Começamos descrevendo as aproximações das pesquisas, ambas pautadas na abordagem qualitativa (González Rey, 2005), buscando compreender as trajetórias laborais a partir da inserção

8 Tradução nossa.

das pesquisadoras em cada um dos distintos campos de pesquisa, priorizando relações dialógicas entre pesquisador e participantes dos estudos.

Cabe destacar, no estudo sobre as narrativas de trabalhadores/as migrantes, que a própria pesquisadora vivenciou esse processo como brasileira residindo em Londres (Inglaterra). Na segunda tese, ao ter migrado de região e de estado em meio ao processo doutoral – do Oeste de Santa Catarina (SC) para a região metropolitana do Rio de Janeiro (RJ), a pesquisadora também investigou aquilo que fazia parte da sua vivência como docente: as idas e vindas presentes nas trajetórias de educação e trabalho, neste caso, de jovens recém-formados. Assim, reforçamos o que Flick (2009) aponta no sentido das motivações dos/as pesquisadores/as ao planejarem suas investigações: geralmente estão relacionadas com as biografias dos/as pesquisadores/as. Ademais, apesar de um desenho de pesquisa definido, na pesquisa qualitativa o acesso ao campo altera nossa forma de pensar e sentir sobre as questões de pesquisa.

Também concordamos com Creswell (2010) ao mencionar que a perspectiva qualitativa procura entender as experiências e os sentidos produzidos pelas pessoas direcionados a certos objetos ou fenômenos. Esses sentidos são variados e múltiplos, assim o investigador necessita de um olhar atento para identificar as complexidades presentes nas visões dos sujeitos.

Além dessa caracterização, cabe lembrar que as duas pesquisas foram submetidas e aprovadas em comitê de ética de pesquisa (CEP) com seres humanos da universidade em que foram conduzidas. Como público-alvo, participaram em ambas as pesquisas homens e mulheres, em sua maioria jovens profissionais. No primeiro estudo, os/as participantes haviam retornado de experiências laborais diversas na Europa ocidental e moravam em diferentes estados do país. Já, no segundo estudo participaram jovens recém-diplomados no ensino superior, que haviam estudado num campus recentemente inaugurado de uma universidade pública, fruto de políticas sociais no campo da educação. Nesse caso, todos informantes moravam no estado do Rio de Janeiro.

Também situamos como caminho comum das teses o uso das entrevistas individuais como instrumentos principais para a produção das informações no campo da pesquisa. Nas duas investigações utilizamos um roteiro com temas gerais capazes de provocar o outro em “sistema conversacionais”, de forma mais natural e, ao mesmo tempo, autêntica, como reivindica González Rey (2005). Nos dois casos, as entrevistas foram gravadas e transcritas, fornecendo material primário para a construção do processo de análise.

Finalmente, destacamos como uso comum para análise das trajetórias sociais uma ferramenta complementar às entrevistas, da qual resulta um recurso imagético produzido pelos/as participantes. No estudo com os migrantes foi adotado o esquema original proposto por Gaulejac (1987), das TTS, enquanto no estudo com jovens profissionais teve o uso das TSP, na adaptação proposta por Sestren e Soares (2007). A técnica originalmente proposta por Gaulejac (1987) é baseada em uma proposta mais terapêutica e de aprofundamento clínico a partir dos conhecimentos da psicanálise, numa proposta de pesquisa-implicação. Por outro lado, Soares e Sestren (2007) empregam no estudo da psicologia, mais especificamente, na orientação profissional, com adaptações formulando a TSP, tal como Diogo (2012).

Como principais diferenças entre a TTS e a TSP temos que a primeira é a versão original, em francês, e a segunda uma versão traduzida, mas que busca efetuar uma análise genealógica das profissões, compreendendo informações detalhadas sobre a inserção profissional dos pais e dos avós e das trajetórias educacionais e profissionais dos participantes. Segundo Gaulejac (1987), tal como mencionado em Ornellas (2015), essa técnica permite a produção discursiva sobre as experiências pessoais dos entrevistados, bem como permite produzir um material de qualidade sobre a vida dos participantes. Para o autor, além disso, esse é um procedimento de análise do histórico e, ao mesmo tempo, compreende o presente e as perspectivas de futuro do participante.

Contudo, destaca Gaulejac (1987), a qualidade do material produzido a partir dessa técnica da TTS é dependente do grau de implicação dos participantes com a confecção do material e da entrevista.

Em relação às peculiaridades das pesquisas, consideramos, principalmente, os diferentes aportes epistemológicos, assim como as decorrentes análises construídas em cada processo. O levantamento de informações e alguns procedimentos de pesquisa também foram distintos. Logo, para melhor demonstrar as peculiaridades, passaremos a descrever primeiro o estudo migratório e, em seguida, o estudo com jovens profissionais diplomados, apresentados separadamente.

Trajetórias laborais no contexto migratório

Nesse primeiro estudo, analisamos as trajetórias laborais de 10 brasileiros/as emigrantes e retornados/as da Europa ocidental entre os anos de 2008 e 2015 (Ornellas, 2015). Destes, cinco eram mulheres e cinco eram homens. Em relação às idades dos participantes, cinco tinham entre 26 e 29 anos, quatro tinham entre 30 e 33 anos e uma participante do sexo feminino tinha 49 anos. Os estados de origem dos participantes eram Santa Catarina, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná e Ceará. Todos tinham o curso superior completo, e cinco eram pós-graduados em psicologia, farmácia, análises de sistemas, gastronomia ou redes. Os locais de destino foram: Inglaterra (Londres, Cambridge), Espanha (Barcelona, Valência), com período de permanência no exterior entre um e seis anos. A concepção teórica sobre trajetória foi efetuada com base em Dubar (2009), no entanto, foram feitas articulações com o construcionismo social e com o estudo das narrativas com o aporte teórico de Gergen (2009), Riessman (2008), Chase (2005) e Burr (2003).

Como procedimento para a coleta das informações junto aos participantes, foram usadas entrevistas com roteiro e a TTS com base em Gaulejac (1987). Parte das entrevistas foi efetuada de forma presencial, em um local apropriado e de fácil acesso aos entrevistados, e outras por videoconferência, devido à distância de residência dos entrevistados. Primeiro, efetuamos a entrevista com as perguntas do roteiro que objetivavam conhecer o perfil dos sujeitos e produzir falas sobre suas vivências migratórias de forma mais sistemática e, no mesmo encontro e ao final da entrevista, aplicamos com os participantes uma adaptação da TTS de Gaulejac (1987), mostrando o modelo e solicitando aos mesmos a produção de suas trajetórias. A partir da imagem, os participantes desenharam suas trajetórias e, depois, comentaram pontos importantes das suas vivências – no caso das entrevistas por chamadas de vídeo, os participantes encaminharam as imagens posteriormente. Essa técnica foi usada como instrumento de pesquisa e não propriamente de pesquisa-implicação, tal como efetuada por Gaulejac (1987), mas destacamos que D’Avila (2014), Diogo (2012) e Soares e Sestren (2007) efetuaram de modo semelhante as suas investigações.

As análises foram fundamentadas no material discursivo gerado a partir das entrevistas e com a técnica TTS. Todas as falas foram transcritas, inclusive as geradas com a TTS, sendo analisadas as narrativas dos participantes sobre as imagens e não as produções gráficas em si. Após a transcrição de todo o material, estabelecemos dois processos analíticos com inspiração em Dubar (1998, 2005). Em um primeiro momento, levantamos os elementos presentes nas trajetórias “objetivas” dos participantes e, depois, elementos mais narrativos, compreendendo a parte das trajetórias “subjetivas”. Destacamos que essa divisão foi estabelecida como um recurso de análise, visto serem dimensões indissociáveis.

Devido à amplitude do material analisado, para esse artigo efetuamos um recorte dos resultados procurando contemplar discussões em relação às trajetórias objetivas e às subjetivas. Partindo do entendimento de que as atividades profissionais e laborais são caracterizadas pela situação do sujeito em seu contexto social e histórico, foi possível identificar nas análises das categorias dois tipos de agrupamentos de trajetórias: as “mais contínuas” e as “mais fragmentadas”. As trajetórias laborais “mais contínuas” – em alusão ao estudo de Franzói (2006), se referem àquelas trajetórias

mais articuladas entre as vivências no âmbito do trabalho no Brasil, no exterior e no regresso. Tivemos três entrevistados com essas características: Pedro, Amanda e Eduardo⁹ (Ornellas, 2015).

Apresentamos aqui as vivências de Pedro. Ele, durante a graduação, trabalhou como monitor em um laboratório de informática na universidade, com pesquisa e desenvolvimento de sistemas, adquirindo significativa experiência nessa área de atuação. Pedro tinha um conhecimento prévio da língua inglesa, devido a um intercâmbio feito no ensino médio nos Estados Unidos e, prestes a concluir seu curso, encaminhou seu currículo para algumas empresas, dentre elas uma na Inglaterra, que era parceira do laboratório em que trabalhava no Brasil. Foi chamado pela empresa inglesa para uma entrevista e aprovado no processo. Terminou a graduação e, logo em seguida, seguiu para o emprego na Inglaterra. Ele foi com o visto de trabalho e atuou durante todo o período na mesma organização como engenheiro de redes. Após três anos e meio, diante de certas questões presentes em sua vida, avaliou a possibilidade de regressar ao Brasil, assim encaminhou o currículo a outra empresa do mesmo segmento, sendo aprovado. Ele efetuou a entrevista pela internet e, embora tivesse pleiteado um cargo de gerente, foi convidado para o cargo de coordenador. Assim, Pedro voltou ao Brasil e começou a atuar nessa empresa, permanecendo até o momento da entrevista.

Na pesquisa, três entrevistados tiveram vivências profissionais “mais contínuas” no transcurso de suas trajetórias de vida. Embora com suas especificidades, os três foram considerados como uma “força de trabalho qualificada” no país de destino e puderam manter-se no mesmo segmento no regresso ao Brasil.

Dentre as trajetórias “mais fragmentadas”, tivemos aquelas: a) “construídas a cada etapa” e b) “associadas ao estudo”. Entre os entrevistados com trajetórias do primeiro tipo, observou-se que em cada momento entre o Brasil, o exterior e o retorno, eles mudaram de área, tendo uma nova inserção no mercado de trabalho. A situação de Ana evidencia esse processo: ela concluiu o curso superior no estado de Minas Gerais, MG, e, após um ano e meio de formada, foi para Londres. Conseguiu o visto de estudante e, por um ano, estudou em uma escola de inglês, ao mesmo tempo em que trabalhava cuidando de crianças. Após oito meses na Inglaterra, retornou por um período de um ano para o Brasil, junto com o namorado. Após esse período, retornou à Inglaterra. Nesse segundo momento, conseguiu um visto de cônjuge, ingressou em um curso de pós-graduação e trabalhou em uma instituição de atendimento a disputas internacionais. Quando decidiu retornar ao Brasil mudou de estado e, no momento da entrevista, estava lecionando Inglês numa escola de línguas.

Essa situação de Ana pode ser compreendida como uma “trajetória construída em cada etapa”, pois em cada segmento a pessoa precisou se reinserir no mercado de trabalho, em situações de trabalho diferentes das anteriores. Nesse segmento, os entrevistados tiveram uma variedade de vivências ocupacionais e precisaram buscar novos caminhos mais frequentemente, dentro das possibilidades e dos novos contextos.

Na categoria “trajetórias fragmentadas”, tivemos, também, aquelas “mais associadas ao estudo”. Um exemplo foi a trajetória de Jordi, que foi para Barcelona após terminar a graduação no Brasil. Por meio de colegas, soube de informações e se matriculou em um curso de mestrado na Espanha. Lá, relatou sua dificuldade em conseguir trabalho remunerado. O visto de estudante permitia uma atuação de 20 horas semanais, mas com a necessidade de efetuar um contrato especial. Após um período, adicionou ao currículo um curso de juiz de futebol e foi chamado para trabalhar em jogos aos finais de semana e, em seguida, atuou no treinamento de futebol para jovens. As informações de Jordi mostraram vivências laborais no exterior, com trajetórias laborais fragmentadas e associadas ao estudo, pois dividia o seu tempo entre trabalho e estudo.

9 Todos os nomes dos/as interlocutores/as apresentados nos estudos são fictícios.

Nas trajetórias subjetivas, envolvendo as estórias¹⁰ e narrativas dos sujeitos, observamos, além dos aspectos pessoais, narrativas sobre as saídas, destinos, retornos e futuros. Com base no estudo de Dubar (1998), essa seria chamada de “identidade biográfica” das pessoas, também “identidade para si”, que pode ser compreendida por meio das narrativas das pessoas sobre suas vidas. Os indivíduos, no momento em que contam suas trajetórias por meio de estórias, podem justificar sua “posição” e antecipar seus possíveis futuros. Esse processo envolve uma “interiorização ativa”, segundo Dubar (2005), pois se refere aos modos como as pessoas apreendem suas identidades. Com isso, entre os achados dessa pesquisa, foi possível compreender os sentidos/significados da partida e dos planejamentos, os quais revelavam um mosaico de situações que possibilitaram a partida. O entrevistado Eduardo, por exemplo, sempre teve o sonho de conhecer a Inglaterra e, como estava extremamente insatisfeito com a empresa onde trabalhava na época, começou a planejar sua viagem. Sobre o planejamento e a partida, a entrevistada Heloisa indica o quanto foi necessário um preparo para desenvolver o projeto migratório dela:

Para estudar lá, a gente pesquisava muito, muito. Na época, tinha o Orkut e tinha muitos fóruns, comunidades com informações, então a gente pesquisou tanto a escola como as empresas para auxílio de visto . . . gente pesquisou pela internet (Heloísa) (Ornellas, 2015, p. 130).

Um outro ponto que se mostrou importante nas narrativas dos entrevistados foi o cotidiano e as narrativas relacionadas nos países de destino, com especificidades quanto à dimensão do trabalho, social e familiar. Aqui, Heloisa explica como a conexão com uma amiga, que no momento residia no Brasil, foi imprescindível para conseguir o trabalho na Inglaterra. Ou seja, as relações perpassaram as fronteiras. “. . . mas logo depois eu acabei arranjando trabalho, que foi indicação de uma amiga minha daqui [do Brasil] que já tinha morado lá e tinha trabalhado em uma loja de presentes” (Heloísa) (Ornellas, 2015, p. 135). Outro ponto foi relatado por Pedro sobre o modo de organização da divisão do trabalho e da vida pessoal, indicando que no Brasil as pessoas misturam muito a vida pessoal e profissional, diferente do que ocorria na Inglaterra, em que havia os amigos do trabalho e, em separado, os amigos pessoais eram esferas que não se misturavam, segundo o entrevistado.

Quanto aos sentidos/significados do retorno e sobre as narrativas do retorno relacionadas ao trabalho, família, amigos e tempo livre e, por último, a perspectiva de futuro: “Nenhuma, por mim eu ficava lá, só voltei por causa do visto” (Guilherme) (Ornellas, 2015, p. 151). Também, cabe destacar o relatado por Helena: “Todo mundo te explorava pelo fato de você ser brasileiro e estudante” (Ornellas, 2015, p. 152). Essas falas mostram a questão do regresso, não sendo um momento vivenciado com facilidade pelo migrante, a precariedade da vida no país estrangeiro e a exploração da condição de ser migrante e estudante.

Em síntese, foi possível observar nesse estudo que a análise das trajetórias laborais oportunizou a compreensão das dimensões objetivas e subjetivas na história de vida de cada sujeito, tal como sugere Dubar (2009). Com isso, foram evidenciadas três dimensões centrais nas trajetórias sociais dos participantes: “ser migrante”, “ser no retorno” e a “transversalidade do trabalho”. Essas três dimensões foram relacionadas às construções identitárias de todos os sujeitos investigados, os quais foram entendidos como participantes ativos na produção da história e de suas estórias de vida. Essa investigação evidenciou um movimento processual, em que a vida humana está sendo constantemente produzida e construída. Além disso, desmistifica o suposto “retorno” à origem, tal como esclarece Sayad (2000) ao observar que esse retorno nunca acontece, visto que a vida transcorre e o tempo não retorna, pois o lugar já não é mais o mesmo, nem as pessoas,

¹⁰ Tal como apresentado em Ornellas (2015), aqui é efetuada uma distinção entre os termos “história” e “estória”. Na tese foi empregado o termo história quando se refere a algum momento social e histórico ocorrido no passado, e “estória” para falar das narrativas das pessoas e suas vivências.

inclusive a própria pessoa que partiu. Os aspectos relacionados ao trabalho, às necessidades e ao trânsito desmistificam a possibilidade de uma trajetória linear e sem reformulações, uma vez que as trajetórias são produzidas constantemente e reelaboradas a partir dos contextos e experiências anteriores.

Trajelórias laborais no contexto de inserção profissional

No segundo estudo buscamos compreender os movimentos e sentidos atribuídos ao trabalho por jovens profissionais provenientes de cursos noturnos de um campus recém-inaugurado na periferia de uma das regiões metropolitanas do sudeste brasileiro (D'Avila, 2014; D'Avila & Coutinho, 2017, 2019). Foram entrevistados 16 jovens, nove mulheres e sete homens, com idades entre 23 e 35 anos e egressos de três cursos diferentes: administração, economia e turismo. A concepção de trajetória, como em Ornellas (2015), foi ancorada nos estudos de Claude Dubar, mas, neste caso, a psicologia sócio-histórica foi o fundamento teórico-metodológico da tese (Molon, 2008; Sawaia & Maheirie, 2014). Assim, a análise das informações levantadas no campo de pesquisa foi elaborada com base na proposta de Aguiar e Ozella (2013) nomeada Núcleos de Significação, também oriundos da psicologia sócio-histórica.

A TSP foi utilizada conforme o modelo proposto por Soares e Sestren (2007). Nas entrevistas que ocorreram de forma presencial e em lugares de escolha dos/as entrevistados/as – em geral, em uma sala de instituições de ensino, em restaurantes e uma delas na própria residência da participante –, além de uma folha com o esquema da TSP a ser completado ou desenhado pelo/a interlocutor/a de pesquisa (Soares & Sestren, 2007, p. 99), oferecíamos folhas para desenho, lápis, canetinhas e outros materiais para compor a TSP.

Foram construídos quatro núcleos de significação na intenção de responder ao problema de pesquisa: marcas sociais, vivências universitárias e os cursos de bacharelado, as trajetórias laborais e as concepções de trabalho (D'Avila & Coutinho, 2017, 2019). Neste artigo, exploramos as trajetórias laborais dos jovens profissionais.

De forma geral, podemos apontar que os jovens profissionais relataram considerar a universidade como um importante marco em suas vidas, cujas repercussões foram analisadas por meio de suas trajetórias laborais. Assim, identificamos – antes, durante e após o período universitário – diferentes vivências em relação ao trabalho, as quais foram intensificadas durante o curso de graduação, sob a forma de estágios e outras atividades acadêmicas e, em alguns casos, emprego.

Mais especificamente, o Núcleo de Significação Trajelórias laborais foi construído a partir das lembranças do passado e das antecipações de futuro (D'Avila & Coutinho, 2017, 2019). Como síntese desse núcleo podemos indicar que após a formatura, em geral, as trajetórias foram se consolidando a partir das experiências anteriores e, em apenas dois casos, os estudantes encontravam-se desempregados no momento da entrevista, rompendo, de alguma forma, com os projetos anteriores. De todo modo, houve menção a uma preocupação em relação ao futuro profissional e, para alguns, constituía uma interrogação, tal como aparece nos seguintes excertos das entrevistas: “O futuro que é complicado, né?” (Economista); “Futuro que eu quero?” (Clarice) e “futuro a Deus pertence” (Diego) (D'Avila, 2014, p. 276-277). Como dissemos, a dimensão temporal é colocada em questão nos estudos sobre as trajetórias (Coutinho, 2009) e, nesse caso, partindo de uma leitura da psicologia sócio-histórica, o homem como ser social projetado ao futuro se evidencia (Vigotski, 1930/2014):

Se a atividade humana se reduzisse apenas à repetição do passado, então, o homem seria um ser voltado somente para o passado e incapaz de se adaptar ao futuro. É justamente a atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente (p. 3).

Para os jovens entrevistados, ainda que com algumas idas e vindas acadêmicas e laborais, tal como no caso dos administradores Moisés, administrador e Darth Vader, suas trajetórias estudantis foram “mais contínuas”, termo indicado por Franzói (2006) ao contrapor as trajetórias “fragmentadas ou em constante mutação”.

Outro apontamento importante em relação às trajetórias identificadas como “mais contínuas” (Franzói, 2006), porém não sem a marca da precariedade em seus vínculos trabalhistas, ocorre quando comparadas às trajetórias laborais familiares, especialmente nas gerações dos pais e dos avós. Embora nosso objetivo não tenha sido o estudo das gerações de pais e avós dos jovens profissionais, identificamos que as redes de relações sociais, especialmente a familiar e as instituições escolares, constituíram sua principal forma de buscar a universidade e a profissionalização. Em nosso estudo, adotamos a perspectiva do sujeito em relação ao processo de profissionalização – caracterizado por Dubar (2005), e, ao mesmo tempo, retomamos Sato (2013) e Sato et al. (2017) ao mencionar como pressuposto da PST, pensar e refletir partindo do ponto de vista dos/as trabalhadores/as.

Observamos que os jovens profissionais empenham muito de seus esforços na concretização de seus projetos laborais, os quais nem sempre encontram materialidade ou condições objetivas capazes de sustentar tais projetos, deles dependem tanto aspectos biográficos como relacionais, tal como propõe Dubar (2009). Fica evidente o quanto a esfera laboral é organizadora das demais esferas da vida humana, o quanto o trabalho afeta a subjetividade de todos/as, da classe trabalhadora em seu sentido ampliado (Antunes, 2018; Coutinho, 2009).

Nas trajetórias laborais dos jovens profissionais, os vínculos de trabalho nas organizações públicas ou privadas ocorreram de forma mais provisória ou temporária. Também chamam atenção as atividades acadêmicas temporárias desenvolvidas por, pelo menos, cinco dos entrevistados, como as bolsas de pesquisa ou tutoria, as quais acompanhavam esses sujeitos desde o início da universidade. Mesmo diplomados/as, não deixam de exercer atividades remuneradas temporárias. Os projetos de inserção e permanência no serviço público, dentro de suas áreas e níveis de formação, parecem constituir o plano mais almejado pelos/as jovens profissionais entrevistados/as.

Portanto, a partir de um aporte teórico que entende o sujeito como ser concreto, a noção de movimento complementa a noção de trajetória (D’Avila, 2014; D’Avila & Coutinho, 2019). Ao adotá-la como a sucessão de posições ocupadas pelos/as trabalhadores/as, levando em consideração aspectos sociais, tais como a sua educação e redes de relações sociais, a ideia do movimento guarda relações de complementaridade com as trajetórias laborais, ocupacionais ou profissionais, mas evoca a discussão “indivíduo-sociedade”, assim como de “espaço-tempo” (Bergson, 1911/2006)¹¹. O movimento somente ocorrerá nessa inter-relação e, como objeto móvel, é impossível capturá-lo, mas apenas apreendê-lo enquanto os vários momentos que o compõem (D’Avila & Coutinho, 2019). Os movimentos dos jovens profissionais expressam, em última instância, movimentos laborais vivenciados na/pela contemporaneidade, considerando a análise das trajetórias sociais, conforme Gaulejac (1987). Outra análise decorrente das informações neste estudo refere-se à correspondência entre os caminhos até então trilhados e as antecipações de futuro elaboradas. Nesse sentido, podemos pressupor uma continuidade na maioria das trajetórias laborais e, nesses casos, essa continuidade poderia contribuir para os/as bacharéis tornarem-se, então, profissionais, tal como foi considerado por Franzói (2006).

11 Na psicologia, Bosi (1994) retoma a obra filosófica de Henri Bergson e explica o interesse por ela: “a rica fenomenologia da lembrança que ele persegue em sua obra, bem como uma série de distinções de caráter analítico, extremamente sugestivas *Matière et mémoire*, pela originalidade tantas vezes polêmica das suas proposições constitui o centro dos debates sobre tempo e memória, provocando reações que ajudaram a psicologia social a repensar os liames sutis que unem a lembrança à consciência atual e, por extensão, a lembrança ao corpo de ideias e representações que se chama, hoje, correntemente, “ideologia” (pp. 43-44).

Contribuições da categoria trajetórias laborais para os estudos em psicologia social do trabalho

Como antecipado, problematizamos a categoria trajetórias laborais, considerando sua utilização em duas teses de doutoramento que tiveram entre seus objetivos investigar as trajetórias laborais em diferentes espaços e tempos na contemporaneidade. Como mostramos, as duas teses se aproximam e se particularizam e, ao pensarmos em suas sínteses, reafirmamos o uso da categoria, essencialmente, em três pontos: a centralidade da categoria trabalho, que corresponde a situar a compreensão do trabalho em uma posição principal em relação a diversas outras dimensões da vida humana. O segundo compreende as trajetórias, a partir de diferentes leituras, como um percurso histórico, dinâmico e contínuo de construção singular e entretecida em uma composição social, temporal e territorial específica. E, no terceiro ponto de aproximação, destacamos que são produções em constante construção e modificação, ainda que possam estar relacionadas a um trajeto progresso na biografia dos/as trabalhadores/as.

Primeiramente, é possível entender o conceito do trabalho como central – defendido por Antunes (2011, 2018) –, porque mesmo em contextos de mudança e transição migratória, como aconteceu no primeiro estudo, e de desemprego, situação de ruptura com o mercado formal de trabalho, no segundo estudo, o trabalho enquanto categoria humana se faz presente e persiste ainda que em condições adversas. O fato de ser reconhecido, de estabelecer relações (profícuas ou mesmo conflituosas) com os outros e de se empenhar em sua atividade é uma forma de construir a identidade pessoal e criar laços sociais. O trabalho, nesse entendimento, corresponde tanto àquele feito agregado à remuneração, ou seja, vinculado a um emprego ou a renda, como os não-remunerados. Diante disso, a pessoa pode romper com modalidades vigentes de emprego ou transitar em diferentes ocupações ou profissões, mas a dimensão do fazer, produzir, trabalhar persiste como um elemento essencial em suas vidas e na constituição dos seus percursos de vida.

Além disso, entendemos que as trajetórias estão diretamente relacionadas com os contextos sociais e históricos nos quais os sujeitos se inserem. Destacamos que as condições para a realização/construção das trajetórias dependem das articulações e entretecimentos da pessoa considerando suas inserções sociais, no contexto familiar, no território de origem e no destino. Essa perspectiva das trajetórias laborais envolve a singularidade do sujeito, uma expressão da existência única no eixo social e em narrativas que somente podem ser separadas virtualmente, tal como apontado por Dubar (1998). Assim, há necessidade de considerar a dimensão do trabalho dentro de uma possibilidade de vida particular e de um fazer humano singular ou, nas palavras de Dubar (1998), em uma “existência contingente”, considerando os limites de ser e de fazer, dentro de uma realidade local e possível. Com isso, o estudo das trajetórias laborais pode favorecer a reflexão sobre as situações humanas e seus labores, tal como foi feito nas duas investigações descritas.

Finalmente, acentua-se o fato de que as trajetórias laborais não devem ser compreendidas como processos lineares ou com leituras que as consideram análogas a processos retilíneos e que fazem alusão à certa progressão aos moldes de “degraus”. Ao contrário, a compreensão das trajetórias deve oportunizar processos que visem a aberturas, produções a serem feitas, em constante construção e passíveis de modificações, mas com lastros de pertencimento que são o histórico, o social e o tecimento ou enraizamento¹², tal como exposto por Marandola e Dall Galo (2010). Assim, há que se considerar a indeterminação das trajetórias, entendendo-as mais como processos mutantes de idas e vindas, entradas e saídas etc. Isso foi possível de ser observado nos dois estudos: nos entrevistados migrantes retornados, em que houve trajetórias

¹² Essa expressão é também retomada por Bosi (1994) ao revisitar os estudos de Simone Weil (2014). A filósofa francesa considera o enraizamento como uma necessidade da alma humana: “Participação natural, isto é, criada automaticamente pelo lugar, pelo nascimento, pela profissão, pelo meio ambiente. Todo o ser humano precisa de ter múltiplas raízes” (p. 45).

laborais mais contínuas ou mais fragmentadas, mas também com as possibilidades diferenciadas de inserção profissional, como mostramos em D'Avila (2014).

Salientamos que em Ornellas (2015), como uma forma de compreender entradas de migrantes em diferentes ocupações, mas também em profissões, foi necessário sustentar o conceito das trajetórias laborais, por ser mais apropriado e amplo para entender as diversas dinâmicas de inserção laboral e reinserções nos mercados de trabalho brasileiro e no exterior, além da diversidade de vínculos trabalhistas, uma característica observada no contexto migratório devido ao fato de que a pessoa efetua diversas transições e mudanças.

Em D'Avila (2014), de outro lado, a investigação ocorreu apenas com profissionais, jovens recém-diplomados no ensino superior público brasileiro, mas que em suas primeiras inserções no campo do trabalho encontraram a precariedade e situações diferentes daquelas projetadas em suas antecipações sobre o futuro laboral em seus campos profissionais. Assim, os movimentos laborais buscaram apreender como estes/as jovens profissionais realizaram sua formação universitária, de quem e de quais instituições receberam apoio nesse percurso e como atribuíram sentidos para o trabalho.

Finalmente, apontamos as potencialidades dessa categoria teórica e metodológica como uma contribuição aos estudos em PST. As trajetórias laborais, antes de visar a uma aglutinação de processos ou mostrar um caminho unívoco, nos mostram múltiplas possibilidades de compreensão e articulação. É uma perspectiva que procura abordar a dimensão do trabalho junto com um movimento temporal (passado-presente-futuro) e está atrelada aos processos de constituição do sujeito, como já foi apontado por Coutinho (2009) e por Coutinho e Oliveira (2017), respectivamente.

A compreensão das trajetórias se torna importante na medida em que situa o processo de trabalho para além dos lugares ocupados por quem trabalha em diversos momentos de suas vidas, sejam atividades formais ou informais, remunerados ou não, temporárias, regulares, intermitentes etc. Assim, o foco dos estudos assentados em análises das trajetórias laborais é compreender o caráter processual das atividades laborais exercidas ao longo da vida. Salienta-se assim que os estudos sobre as trajetórias são relevantes, especialmente no campo da PST, por considerarem as diversas possibilidades de inserção profissional e as reinserções, como também a visão dos entrevistados sobre suas atividades e especificações sobre as suas condições de trabalho, além de discutirem a constituição do sujeito e sua articulação com a construção dos contextos históricos e sociais os quais vivem.

Outra possível contribuição das trajetórias laborais está assentada na produção das informações no campo da pesquisa, com destaque aos desenhos, tais como a TSP e a TTS. Embora não tenhamos usado estes recursos imagéticos como principal instrumento de pesquisa em nossas teses, salientamos a relevância de pesquisar com imagens. Para Tittoni (2011), o uso das imagens no âmbito acadêmico traz reflexões sobre o predomínio da escrita nesses contextos, podendo a imagem, de alguma maneira, “tensionar as noções de ciência e arte, criando espaços híbridos de produção. Pesquisar com imagens em um mundo marcado por visualidades também é uma necessidade” (p. 126). Assim, provocamos futuros/as pesquisadores/as a adotar tais recursos em suas investigações, particularmente, no campo da PST.

Como última contribuição de nossa análise sobre as trajetórias laborais, caberia indicar nossa concordância com o postulado por Ribeiro et al. (2017) em relação à não cisão entre pesquisar e intervir nos estudos em PST. Não obstante, as pesquisas caracterizadas neste artigo tenham acentuado a dimensão de produção do conhecimento e, portanto, não consistiram em intervenções propriamente ditas, gostaríamos de recuperar a proposta original de Gaulejac (1987), relacionadas à pesquisa-implicação, já mencionadas, destacando, também, o potencial de intervenção das trajetórias laborais. Exemplificamos com um projeto de extensão chamado “Dialogando sobre trabalho na escola”, desenvolvido recentemente por uma de nós, no qual foi apresentado aos participantes e à parte da equipe pedagógica da escola o esquema das trajetórias laborais proposto

por Soares e Sestren (2007). O diálogo com essas interlocutoras exigiu repensar tal modelo em virtude das condições objetivas vivenciadas pela comunidade escolar, transformando a proposta inicialmente apresentada e construindo outras compreensões para acadêmicos/as e não acadêmicos/as. A partir desse exemplo, sugerimos que no futuro possam ser feitas novas problematizações sobre as trajetórias laborais e sua utilização de forma articulada na pesquisa e na intervenção.

Referências

- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2013). Apreensão dos sentidos: Aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 94(236), 299-322.
- Antunes, R. (2011). *O continente do labor*. Boitempo.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo.
- Antunes, R., & Alves, G. (2004). As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação & Sociedade*, 25(87), 335-351. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200003>
- Barros, M. M. L. (2010). Trajetórias de jovens adultos: Ciclo de vida e mobilidade social. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 71-92. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200004>
- Bergson, H. (2006). *O pensamento e o movente* (B. Prado Neto, Trad.). Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1911)
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. Companhia das Letras.
- Burr, Vivien. (2003). *Social constructionism* (2a ed.). Routledge.
- Chase, S. E. (2005). Narrative inquiry: Multiple lenses, approaches, voices. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The handbook of qualitative research* (3a ed., pp. 651-679). Sage.
- Cogo, P. S. F. (2011). Trajetórias profissionais. In A. D. Cattani & L. Holzmann (Orgs.), *Dicionário de trabalho e tecnologia* (2a ed., pp. 465-470). Zouk.
- Coutinho, M. C. (2009). Sentidos do trabalho contemporâneo: As trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(2), 189-202. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v12i2p189-202>
- Coutinho, M. C., & Oliveira, F. (2017). Algumas ferramentas teóricas para o estudo psicossocial do trabalho: Práticas cotidianas, processos de significação e identidades. In M. C. Coutinho, M. H. Bernardo, & L. Sato (Orgs.), *Psicologia Social do Trabalho* (pp. 81-102). Vozes.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto* (M. Lopes, Trad., 3a ed.). ArtMed.
- D'Avila, G. T. (2014). *Movimentos laborais e sentidos atribuídos ao trabalho por jovens profissionais* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128864>
- D'Avila, G. T., & Coutinho, M. C. (2019). Entre movimentos e trajetórias laborais de jovens profissionais. *Psico*, 50(2), 1-11. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.29659>
- D'Avila, G. T., & Coutinho, M. C. (2017). Trajetórias laborais de jovens administradores/as. *Farol: Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(11), 1236-1316.
- D'Avila, G. T., & Melo, T. G. (2022). Subjetividade e psicologia social do trabalho: Reflexões teórico-metodológicas a partir de duas investigações. *Revista Subjetividades*, 22(1), e11405. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i1.e11405>
- D'Avila, G. T., Ornellas, L. P. G., & Dal Magro, M. L. P. (2021). *Grupo de Trabalho (GT) 47. Trajetórias de trabalhadoras e trabalhadores: Configurações do trabalho em meio às crises contemporâneas* [Apresentação de trabalho]. XXI Encontro da Associação Brasileira de Psicologia Social. https://www.lab14.eventos.dype.com.br/enabrapso2021/download/download?ID_DOWNLOAD=43
- Demazière, D., & Dubar, C. (2006). Trajetórias profissionais e formas identitárias: Uma teorização. In N. A. Guimarães & H. Hirata (Orgs.), *Desemprego: trajetórias, identidades, mobilizações* (pp. 165-187). Editora Senac São Paulo.
- Diogo, M. F., & Coutinho, M. C. (2011). O desafio de tornar-se sujeito da própria história: A análise de uma trajetória socioprofissional. *Sociais e Humanas*, 24(2), 178-191.

- Diogo, M. F. (2012). "Só tem homem, pera né, eu também quero entrar nesse lugar": Reflexões sobre a inserção de mulheres no segmento de vigilância patrimonial privada [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96365>
- Dubar, C. (1998). Trajetórias sociais e formas identitárias: Alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação & Sociedade*, 19(62), 13-30. <https://doi.org/10.1590/S0101-73301998000100002>
- Dubar, C. (1999). A sociologia do trabalho frente à qualificação e à competência. *Educação e Sociedade*, 19(64), 87-103. <https://doi.org/10.1590/S0101-73301998000300004>
- Dubar, C. (2005). *A socialização: A construção das identidades sociais e profissionais*. Porto Editora.
- Dubar, C. (2009). *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação* (M. A. L. de Barros, Trad.). Edusp.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (J. E. Costa, Trad., 3a. ed.). Artmed.
- Franzói, N. L. (2006). *Entre a formação e o trabalho: Trajetórias e identidades profissionais*. Editora da UFRGS.
- Gaulejac, V. de (1987). *La névrose de classe: Trajectoire sociale et conflits d'identité*. Hommes & Groupes Editeurs.
- Gergen, K. J. (2009). *An invitation to social construction* (2a ed.). Sage.
- González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade* (M. A. F. Silva, Trad.). Pioneira Thomson Learning.
- Molon, S. (2008). Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica. *Informática na Educação: Teoria & Prática*, 11(1), 56-68. <https://doi.org/10.22456/1982-1654.7132>
- Marandola, E., Jr., & Dal Gallo, P. M. (2010). Ser migrante: Implicações territoriais e existenciais da migração. *Revista Brasileira de Estudos da População*, 27(2), 407-424. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982010000200010>
- Ornellas, L. P. G. (2015). "São só dois lados de uma mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida": Trajetórias laborais de brasileiros/as retornandos/as da Europa ocidental [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/135139/334241.pdf>
- Ribeiro, M. A., Oliveira, F., Bernardo, M. H., & Navarro, V. L. (2017). Práticas em psicologia social do trabalho: Pesquisa e intervenção. In M. C. Coutinho, M. H. Bernardo, & L. Sato (Orgs.), *Psicologia Social do Trabalho* (pp. 103-126). Vozes.
- Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human sciences*. Sage.
- Silva, M. A. M. (2010). Mulheres trabalhadoras rurais: Trajetórias e memórias. *Ruris*, 4(2), 13-43.
- Sato, L. (2010). Psicologia, saúde e trabalho: Distintas construções dos objetos "trabalho" e "organizações". In Conselho Federal de Psicologia, *Psicologia crítica do trabalho na sociedade contemporânea* (pp. 41-53).
- Sato, L. (2013). Recuperando o tempo perdido: A psicologia e o trabalho não regulado [Número especial]. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 16(1), 99-110. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v16ispe1p99-110>
- Sato, L., Coutinho, M. C., & Bernardo, M. H. (2017). A perspectiva da psicologia social do trabalho. In M. C. Coutinho, M. H. Bernardo, & L. Sato (Orgs.), *Psicologia social do trabalho* (pp. 11-24). Vozes.
- Sayad, A. (2000). O retorno: Elemento constitutivo da condição do imigrante [Número especial]. *Revista Travessia*, 3-32.
- Sawaia, B. B., & Maheirie, K. (2014). A psicologia sócio-histórica: Um referencial de análise e superação da desigualdade social [Número especial]. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 1-3. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000600001>
- Soares, D. H. P., & Sestren, G. (2007). A trajetória sócio-profissional. In M. Lima & D. Barros (Orgs.), *Orientação profissional: Teoria e técnica* (pp. 81-96). Vetor.
- Tittoni, J. (2011). O fotografar, a poética e os detalhes. In A. V. Zanella & J. Tittoni (Orgs.), *Imagens no pesquisar: experimentações* (pp. 125-145). Dom Quixote.
- Weil, S. (2014). *O enraizamento* (J. Ferreira & J. Claudio, Trad.). Relógio D'Água.
- Vigotski, L. S. (2014). *Imaginação e criatividade na infância* (J. P. Fróis, Trad.). Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1930)

Endereço para correspondência

lailagraf@gmail.com



Recebido em: 14/02/2021

Revisado em: 31/03/2022

Aprovado em: 14/04/2022